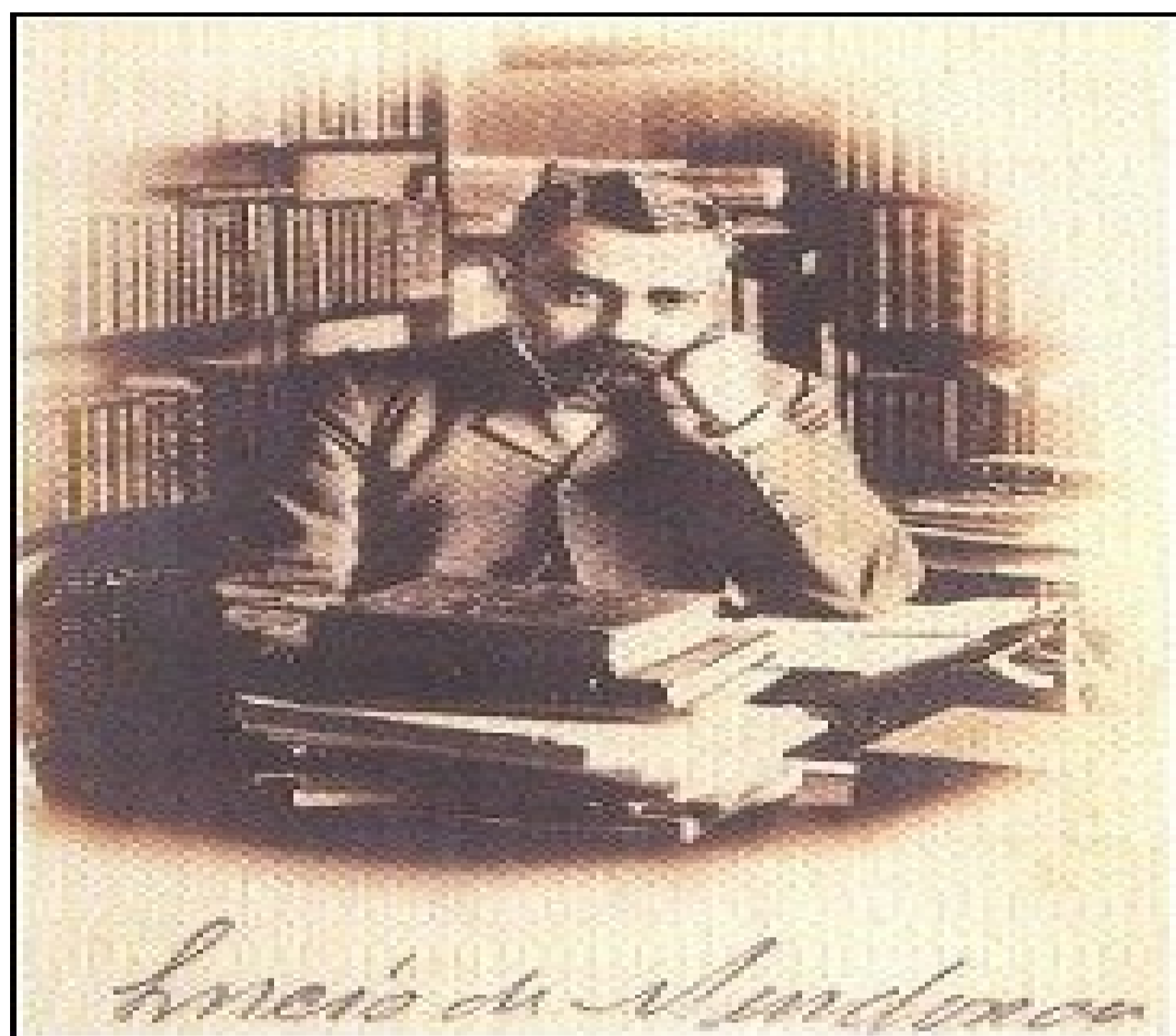


As vergastas de Mendonça: desconstruindo a legitimidade da monarquia

Autores: GARRIDO Taciana Almeida, GUTIERREZ, Olívia Moreira

Orientador: ARNAUT, Luiz (FAFICH/UFMG)



Lúcio de Mendonça (1854-1909), personagem marcante do fim do Império e idealizador da Academia Brasileira de Letras, participou ativamente da campanha republicana no Brasil através de sua obra literária. Este trabalho é pautado nesta produção intelectual, mais especificamente em poemas reunidos no livro *Vergastas*, o que o próprio autor nomeou como uma obra de combate, e no que ela pretende vislumbrar em termos de práticas e pessoas condenáveis ou defensáveis em um período de transição da política brasileira. Mendonça foi uma voz que se elevou contra as instituições monarquistas, e serão esses os versos por nós circundados com os argumentos da História Social da Linguagem (BURKE, 1995), sem esquecer a posição social do autor em seu universo cultural.

É a partir dessa premissa que aplicamos a noção de Pierre Bourdieu de descrição/prescrição, isto é, ao dispor de recursos para descrever uma prática social ou um indivíduo pelos atos, o autor finda por indicar sua mentalidade ou a de um grupo e, ao mesmo tempo, prescreve a sua busca por instituir um novo mundo social.

Em seus escritos, o autor mostra sua descrédito na instituição monárquica e dá a ela o caráter indissociável da tirania. Revela ainda a descrença nos valores éticos que, para ele eram insustentáveis e inconsistentes num regime monárquico e desloca esses mesmos valores para um lugar outro que não o trono, mas o da República. Fica claro, portanto, o combate pelos princípios de divisão do mundo, o mundo de Mendonça.

A UM SENADOR DO IMPÉRIO

A ALEXANDRE STOKCLER

*Ora estás no apogeu da gloria reluzente:
Subsiste para sempre; és vitaliciamente
Nosso legislador, grande homem, se é que o ha.*

Perdôa como um deus a grande alma de Allah.

*És columna e pharol da vasta monarchia.
Tens uma firme gloria enorme que irradia
Ante uma multidão immensa de fiéis...
E, além de toda a gloria, alguns contos de réis.*

*Vê, se já podes vêr, os homens com que
hombreas:
Octaviano – o cantor que venceu as sereias,
Feiticeiro que muda em joias o papel,
Atheniense que tem o labio unido em mel
E que põe na palavra os brilhos do diamante;
Como o archanjo Miguel formoso e coruscante,
Vê José Bonifacio, alma gêmea do sol.*

Lúcio de Mendonça, como tantos outros, oferece-nos uma pista de como agora os privilégios não eram mais encarados como naturais e havia sido deslocado para o lugar da traição ao povo. Há aí uma resignificação da ideia de privilégio sobre as práticas dessa sociedade. Para Mendonça, o privilégio é indigno e imoral, é transportado para um lugar depreciado.

Que illuminada altura e que brilhante escol!

*No velho Pantheon do campo de Sanct'Anna,
Cinge-te o louro eterno a fronte soberana.
Senador e ministro! – estás sentado á mão
De Deus Padre; e nem vês, embaixo, a multidão,
O povo, a plebe vil sem nome e sem dinheiro,
Corja de pedinchões vadios e venaes...
Tu campeias no céu – e vê-te o mundo inteiro...*

Judas de Kerioth, pagaram-te demais!

*De feito, que eras tu? Vaidoso como um odre
Vasio, e, quanto ao mais, uma consciencia pôdre.
Como Troplong, o infame, ao vil Napoleão,
Jurista, te vendeste a Pedro, o bom patrão.
Quizeste ennodoar ao mesmo tempo, traste!
A blusa popular com que te apresentaste.
Mas não! manchado és tu, mancha é a libré
Que tu vestes agora; o infimo galé
Teria nojo della!*

És hoje um poderoso

*Ministro e senador; pois olha, um cão leproso,
fugiria de ti, por não sujar-se mais.
Transpuzeste orgulhoso os augustos umbraes
Do senado, e a curul que sob tí se infama
Ha de ser como aquelle ominoso Hakeldama
Com o preço da traição comprado, um mau logar
Estéril e sem luz – campo de sepultar.*

*Sabe-se – a Historia o diz – que um déspota romano
Fez cônsul um cavallo. O nosso soberano,
Calígula jogral, tyranno bonachão,
Para nos aviltar, faz senador um cão!*

Minas, 1884.

No poema, "A um senador do Império", Calígula é uma menção do autor a D. Pedro II. Lúcio de Mendonça, ao relacionar o imperador brasileiro ao déspota romano, adjetiva não somente o governante como também a instituição por ele representada – a monarquia. Retira, ainda, de D. Pedro, a imagem a ele associada "do homem das letras e amigo da nação" para reconstruí-la em outro lugar e sustentá-la de um modo ferino, dando-lhe, então, a ideia de um tirano coroadado. As figuras associadas ao imperador são, por vezes, depreciativas de sua imagem social. A relação geralmente estabelecida entre tirania e monarquia, pode ser lida ao mesmo tempo como descrição e prescrição (BOURDIEU).

Mendonça disputa ainda o lugar de representatividade do povo, que é distanciado do regime monárquico. Esse político pode ser considerado de grande importância para vislumbrarmos, com o auxílio da História Social da Linguagem, as visões de mundo de uma geração que atravessou a monarquia e a República.

Apoio:

